

Multiculturalismo e identidade: a construção da angolanidade em *Filhos da Pátria*, de João Melo.

RESUMO

O presente artigo busca analisar a caracterização da identidade nacional angolana, através da expressão do multiculturalismo, especificamente na obra *Filhos da Pátria* (2008), de João Melo. Acredita-se que essa análise se faz pertinente uma vez que o livro é um exemplo importante de literatura engajada ao contexto social de Angola e de África ao demonstrar que existe nesse processo de afirmação de identidade uma revalorização da cultura nacional, uma cultura pré-colonial. Na obra de Melo são retratadas as facetas da sociedade angolana, a qual é perpassada pela era colonial, sendo essa marcada pela imposição da cultura europeia, que influenciou diretamente em uma crise de identidade nacional, bem como no árduo reconhecimento da diversidade étnica, hoje reconhecida em Angola. Entende-se que *Filhos da Pátria* (2008) mostra aos leitores a multiplicidade das experiências dos sujeitos que convivem em um espaço territorial assinalado pela exploração e pobreza, mas também por suas lutas e vitórias. Assim, esse estudo reflete acerca do conto “Shakespeare Ataca de Novo” (2008), que se entende ser representativo da temática do multiculturalismo. Para tanto, a análise foi baseada nas contribuições de pesquisadores como Edward Said (1999), Mesquitela Lima (1997) e Rita Chaves (2005), mostrando que o referido conto representa um olhar para a pluralidade, a diversidade e a riqueza das experiências dos sujeitos que vivem em um espaço territorial assinalado pela luta contra a dominação europeia. Nesse sentido, entende-se a narrativa enquanto “literatura de libertação”, de modo que conta o outro lado da história, estando esse muito além do olhar do homem branco.

PALAVRAS-CHAVE: multiculturalismo. Identidade. Literatura angolana.

Ariane Ávila Neto de Farias

arianenetof@gmail.com

Instituto Federal Farroupilha (IFFar),
Frederico Westphalen, Rio Grande do
Sul– Brasil.

Ânderson Martins Pereira

andersonmartinsp@gmail.com

Instituto Federal Farroupilha (IFFar),
Alegrete, Rio Grande do Sul– Brasil .

INTRODUÇÃO

As Literaturas Africanas em língua portuguesa são ainda muito jovens, tendo em vista a recente descolonização do território; processo que teve início na década de 1970. Até as efetivas independências dos países africanos, as escritas da época eram classificadas como “literaturas colonialistas”, carregando marcas latentes do povo colonizador. No entanto, a literatura de libertação aflora como uma importante arma contra a dominação colonial, apresentando, assim, ao lado de fuzis e balas, a “pena” e o papel. Nesse sentido, a literatura faz-se parcela importante nesse processo de retomada da identidade angolana.

Muitos escritos angolanos são reconhecidos por sua pluralidade de cores, sons, vozes e estilos, o que a torna essa literatura familiar ao leitor brasileiro. O espaço literário angolano possui apelo a um variado segmento de leitores por sua leveza misturada à densidade provinda de seus temas fortes e engajados à realidade do país. Desse modo, entende-se que a literatura proveniente de uma Angola liberta apresenta importância histórico-literária.

A afirmação da identidade nacional, expressa pelo multiculturalismo, faz da literatura de Angola algo tão peculiar quanto o povo que a inspira, a escreve e a fomenta. Desse modo, existe nesse processo uma revalorização da cultura nacional, uma cultura pré-colonial. Para Rita Chaves (2005), os traços da identidade angolana nunca chegaram a ser apagados, apesar da tentativa dos colonizadores, mas estavam “dormindo sob a terra” (p. 48). Assim, a literatura angolana sempre foi perpassada por “alguns traços desse inventário [multicultural]” (p. 48).

Isto posto, o presente trabalho tem como objetivo analisar o conto “Shakespeare ataca de novo”, publicado no livro *Filhos da pátria* (2008), de João Melo. A análise visa refletir acerca da caracterização da identidade nacional angolana, através da expressão do multiculturalismo. Acredita-se que o conto escolhido mostra as diferenças entre as diversas tribos e a impossibilidade de se pensar acerca de um conceito de identidade nacional de uma maneira monolítica. Nesse sentido, compreende-se que o presente conto representa um olhar para a multiplicidade e a riqueza das experiências dos sujeitos que convivem em um espaço territorial assinalado pela exploração e pobreza, mas também pelas lutas e vitórias de um povo. Teóricos como Mesquitela Lima (1997) e Rita Chaves (2005) foram fundamentais para a realização desse estudo.

1. O MULTICULTURALISMO EM ANGOLA

O escritor João Melo é herdeiro desse legado literário que busca caracterizar a angolanidade. Em suas obras, o autor apresenta ao mundo uma visão singular sobre Angola, sendo esse um país marcado por aspectos plurais pintados com cores fortes e variadas, em contraste com o passado de ex-colônia portuguesa fortemente explorada. Nesse sentido, ele busca caracterizar e registrar a identidade nacional silenciada durante o período da colonização portuguesa.

Engajado nas definições de características da angolanidade, Melo (2008) extrai subsídio, para seu fazer literário, da degradação social e da crise de identidade causadas por diversas mudanças enfrentadas pelo país entre o período

colonial e a pós-independência. O autor é índice de que a história da literatura angolana não surgiu apenas por necessidade estética, mas como testemunho de gerações de escritores que durante o período colonial fizeram da escrita um instrumento que dinamizou o processo de libertação de Angola.

Como postulado por Abdala Júnior (2006), “a literatura (re)descobre o país para (re)imaginá-lo” (p. 213) e, nesse sentido, os textos modernos enfatizam elementos de caráter social. Com isso, a escrita angolana, nos anos que precedem a independência, passa a montar, literariamente, um futuro de liberdade e de independência. É fomentada, dessa forma, a vontade de libertação dos leitores, visto que os textos delinearão os contornos de uma sociedade livre do colonialismo e da repressão.

Sobre isso, Frantz Fanon (2008) assinala que “a luta pela libertação começa pela restauração da cultura pré-colonial: o intelectual nativo descobriu que nela não havia nada no passado para se envergonhar; havia a dignidade, a glória e o respeito” (p. 169). Sobre o mesmo tópico, Chaves postula que “a literatura em Angola parece atribuir-se a função de desenhar o rosto de um povo ainda sem ele, de dar voz a uma gente ainda condenada ao silêncio” (2005, p. 13).

Como resultado disso, tem-se, assim, uma literatura marcada pela tentativa de caracterização da identidade nacional de um povo que não sabe ao certo os limites dessa; um povo que teve suas variadas culturas étnicas apagadas durante o período colonial e que sofreu com a imposição de culturas estrangeiras. Não há, portanto, como, simplesmente, ignorar a influência cultural trazida pelo povo europeu, assim como apagar os séculos de história marcados pela dominação estrangeira em África.

Ao se pensar acerca da constituição da identidade cultural de um povo em todos os aspectos miscigenados, se faz importante refletir sobre o conceito de cultura pensado por Mesquitela Lima (1997). O teórico salienta que,

A cultura constitui um fenômeno absoluto da humanidade, intimamente ligado ao problema de identidade cultural dos homens, o que faz com que se fale de culturas. Os homens são essencialmente iguais, não obstante serem iguais a certos outros homens e diferentes de todos os outros homens. Postulado paradoxal, mas é a realidade. As culturas, por consequência, mais não são do que reacções, comportamentais e condutas, mentais e físicas, que caracterizam um grupo social coletivamente e, na esfera individual, directamente relacionadas com o seu ambiente e outros grupos sociais. (LIMA, p. 245, grifo do autor)

De acordo com o excerto acima, é impossível pensar no termo cultura singularmente, tendo em vista as diferenças observadas por meio da comparação dos sujeitos e suas variadas formas de pensar, agir e sentir. Nesse ponto, o conceito de Lima vai ao encontro da visão antropológica de cultura constatada em Tomáz Tadeu da Silva (2007):

As diversas culturas seriam o resultado das diferentes formas pelas quais os vários grupos humanos, submetidos a diferentes condições ambientais e históricas, realizam o potencial criativo que seria uma característica comum de todo ser humano. As diferenças culturais seriam apenas a manifestação superficial de características humanas

mais profundas. Os diferentes grupos culturais se tornariam iguados por sua comum humanidade (p.86).

A significação de cultura como a manifestação dos diferentes comportamentos e organizações dos sujeitos, assim como apresentada, tanto por Lima (1997) quanto por Silva (2007), está diretamente ligada ao conceito de multiculturalismo. Na compreensão desse conceito, a partir de sua multiplicidade, pode-se depreender a possibilidade da coexistência de múltiplas culturas em um mesmo espaço social. Sobre o conceito multiculturalismo, Antônio Greco Rodrigues (2013) afirma que:

O que significa multicultural? No seu sentido mais simples refere-se simplesmente àquilo que traz em si elementos de muitas culturas. Desse conceito inicial desenvolvemos a idéia de multiculturalismo, o jogo de diferenças, quando diversos elementos culturais se juntam dentro de um mesmo espaço, forjando as características de uma sociedade. Ele é frequentemente pensado como opondo-se ao etnocentrismo. (2013, p. 45)

Na passagem acima, pode-se perceber uma oposição entre um olhar multicultural e um etnocêntrico. Salieta-se, contudo, que o convívio entre culturas diversas, na maior parte dos contextos, não se dá de forma pacífica. O etnocentrismo impera, em muitas dessas culturas, fazendo com que o outro, possuidor de uma identidade diferente do grupo dominante, seja negado. Isto é exemplificado e observado claramente na relação colonizador/colonizado. Na era colonial, a dominação tinha como finalidade convencer os povos dominados de que esse processo de tomada de controle dessa população e de seus recursos era necessário para trazer à luz uma sociedade que se encontrava nas trevas. A cultura nativa era vista como pecaminosa e mesmo selvagem, não civilizada, e, dessa forma, o dominador apresentava os seus costumes e comportamento como única e irrevogável ao colonizado.

Angola foi uma das colônias portuguesas mais fortemente explorada, principalmente, quanto a utilização de seu povo como mão-de-obra escrava nas Américas. Os portugueses procuravam prata no solo angolano; não encontrando, fizeram da matéria humana sua central fonte de lucro. Esta, como muitas explorações colonizadoras na África, definiu o futuro do povo africano, deixando marcas até os dias de hoje. Outro fator importante a ser pontuado é o tráfico negreiro que perdurou por muitos anos em Angola e foi um investimento bastante rentável à Europa e, em especial, à Portugal.

Ao refletir sobre o contexto de Angola, Rita Chaves (2005) retoma a história de África, pontuando o papel dos escritores neste processo de rompimento com a estrutura dominante:

Profundamente marcada pela história, a literatura dos países africanos de língua portuguesa traz a dimensão do passado como uma de suas matrizes de significado. A brusca ruptura no desenvolvimento cultural do continente africano, o contato com o mundo ocidental estabelecido sob a atmosfera de choque, a intervenção direta na organização de seus povos constituiu elementos de peso na reorganização das sociedades que fizeram a independência de cada um de seus países. Tão recentes, e feitas no complexo quadro da conjuntura internacional dos anos 1970, essas independências não

dariam conta do desejo de acertar o passo na direção do projeto utópico que mobilizara os africanos. Como herança, o colonialismo deixava uma sucessão de lacunas na história dessas terras e muitos escritores, falando de diferentes lugares e sob diferentes perspectivas, parecem assumir o papel de preencher com o seu saber esse vazio que a consciência vinha desvelando. (2005, p.45)

Segundo a pesquisadora, a identidade angolana esteve sempre por definir-se e redefinir-se, como um processo contínuo. Angola é constituída por muitos grupos étnicos que, partilhando o que têm em comum, constroem os alicerces da sociedade. Todavia, a noção de identidade nacional, perpassada pela diversidade étnica, muitas vezes é desestabilizada por essa mesma multiplicidade. Esse desequilíbrio é consequência dos arranjos celebrados pelos povos colonizadores a partir da Conferência de Berlim (1885) em que foi estabelecida uma divisão do território africano em colônias.

Os espaços que acabaram sendo distribuídos entre as principais potências europeias visavam o lucro e o poder colonial. Como esclarece Vanessa Teixeira (2002), não houve o menor respeito ou preocupação quanto a essa divisão: tribos de mesma etnia foram separadas e, até mesmo, tribos de etnias diferentes passaram a conviver. A desestruturação social fez com que esses povos perdessem ou deixassem de reconhecer a si mesmos, estabelecendo, assim, uma crise de identidade.

O poder fez com que o multiculturalismo africano fosse silenciado pela cultura européia branca. A superioridade não é uma característica natural, mas sim uma imposição criada pelo discurso, por esse motivo, “são as relações de poder que fazem com que a diferença adquira um sinal, que o diferente seja avaliado negativamente relativamente ao não-diferente” (SILVA, 2007, p.87). Dessa forma, “o colonizado aparece sempre representado como o outro, incapaz de assumir o papel principal de suprir suas necessidades como sujeito” (ROGEL, 2010, p. 183). Surge, assim, o movimento de modificação da identidade alheia, não como forma de igualar o nativo ao dominado, mas como forma de manipulação, uma vez que são impostas maneiras de viver, agir, falar, pensar, mas sempre muito bem dosadas, para que os nativos não se tornassem um ser igual ou superior ao dominador.

Outrossim, o conceito de identidade/cultura nacional, ou angolanidade, possui seu significado diretamente ligado ao de nação. A nação angolana é caracterizada, então, por sua própria diversidade cultural e étnica. Conforme salienta Fanon, lutar por “uma cultura nacional significa, em primeiro lugar, lutar para a libertação da nação, aquele ponto estratégico que torna possível a construção de uma cultura” (2005, p.187). Depreende-se disso, que só é possível a caracterização de uma identidade ou cultura nacional, a partir do momento em que uma nação se assume como tal, buscando sua liberdade política e social, uma luta que, assim como a de Angola, pode iniciar-se justamente pela cultura, sendo a literatura forte aliada nesse movimento.

Giovanna Dealtry afirma que “o objetivo do jogo da nação é um só: transformar o que era a princípio representação, metáfora, em verdades absolutas que irão fundamentar a origem daquele povo” (2002, p.196). Ainda, é relevante considerar que nenhuma nação é capaz de compor todas as identidades, das quais

é constituída, em uma identidade única, pois essa não é algo pronto. Não é, tão pouco, definitiva, mas formada e transformada pela movimentação de culturas no interior de uma comunidade e, ainda, pela comunicação com as culturas externas a ela. No mesmo sentido, Edward Said pontua que, “todas as culturas estão mutuamente imbricadas; nenhuma é pura e única, são todas híbridas, heterogêneas, extremamente diferenciadas, sem qualquer monolitismo” (1999, p.28).

Dessa forma, entende-se que o multiculturalismo, como aspecto central da nacionalidade angolana, está presente em grande parte das obras do escritor angolano João Melo. Em *Filhos da Pátria* (2008) não poderia ser diferente; a coletânea de contos tratará dos angolanos. Essa obra perpassa a descrição da sociedade de Angola atual, trazendo à tona a ideia de que a identidade angolana está sempre em devir.

2. SHAKESPEARE ATACA DE NOVO E A REPRESENTAÇÃO DO MULTICULTURALISMO ANGOLANO

No conto “Shakespeare ataca de novo” (2008) são levantadas discussões atuais e relevantes ao contexto contemporâneo do país, sendo uma delas a importância dada pelo seu povo às diferenças étnico-culturais e a resistência à mistura de “tribos” entre as famílias mais conservadoras, que tomam como explicação para a recusa dessa mistura os mais diversos motivos.

Fato interessante de ser pontuado é a intertextualidade com o dramaturgo inglês, Shakespeare, do texto de Melo, marcada desde seu título. Ao dar início a narrativa, o narrador adverte que “esta estória trata de um amor socialmente condenado” (MELO, 2008, p. 119), já que o casal protagonista tem seu relacionamento amoroso reprimido por suas respectivas famílias, exclusivamente, por um ser de origem bakongo - Luvualu – Francisco Helena, e outro, de Camaxilo – Inês Faria (mulata da Lunda Norte, filha de um pai estrangeiro e uma nativa do grupo tchokué). Percebe-se, dessa forma, que a trama remontará a famosa peça de Shakespeare, “Romeu e Julieta” (1597), na qual o casal apaixonado tem seu amor reprimido devido à rivalidade de suas famílias.

Tem-se uma atuação diferenciada do narrador de “Shakespeare ataca de novo”. Ele faz importantes intromissões, tanto de caráter opinativo quanto histórico e, até mesmo, antropológico, em um narrar que se aproxima mais da oralidade do que propriamente da modalidade escrita. Dialogando com o seu interlocutor, posicionando-se e assumindo para si as críticas lançadas, esse narrador inicia seu relato justificando-se quanto à escolha de um enredo aparentemente conhecido, mas acrescenta que “antes que se ponham a anatemizar o autor ou, então, a lançar ovos e tomates podres contra ele, afiançavos que tudo farei para tornar inopinado o relato que ora começa” (MELO, 2008, p.117).

Uma peculiaridade desse texto é que a narrativa sobre o amor impossível só começa a desenrolar-se na terceira página, pois, nas páginas precedentes, o narrador busca legitimar a sua escolha pelo enredo já conhecido mundialmente. Ele ainda atenta para a impossibilidade de dar ares tropicais para o trabalho de

William Shakespeare e, por fim, discute o conceito de tradição, para só, então, iniciar o enredo ficcional.

Embora tome como ponto de partida uma história de amor, a narrativa discute a repercussão do chamado “tribalismo” – mistura de tribos - na sociedade angolana em geral. Assim, ao contar a história da união entre Luvualu Francisco Helena, de ascendência bakonga, e Inês Faria, nascida de uma relação entre um boer e uma tchokué, uma vez que na cultura angolana, as opiniões familiares são muito respeitadas por todos os membros, em especial, se os aconselhadores forem os mais velhos. A família, assim, representa um papel importante nas escolhas tomadas pelos sujeitos, sendo encaradas como fator determinante de certas ações.

Desta maneira, o narrador (2008) destaca a polêmica temática das misturas étnicas entre as raças em Angola ao mesmo tempo em que salienta a diversidade cultural e étnica que se pode reconhecer no país. Já no início da narrativa, essa temática é percebida na apresentação de Inês, em que o narrador deixa clara a multiplicidade étnica da personagem:

Inês era uma mulher belíssima, de um moreno a tender para o caramelo, mas não muito carregado, tinha uns olhos inusitados, que ora pareciam castanhos, ora esverdeados, fruto de todas as misturas que nela se tinham encontrado, e o cabelo farto, nem liso, nem muito duro (o rosto, a maneira de rir e o porte altivo, entretanto, eram claramente da mãe). (MELO, 2008, p. 120-121)

O excerto acima sugere, pela descrição física de Inês, que a personagem principal da trama representa as diversas procedências que lhe formaram, evidenciando a miscigenação do povo e da cultura angolana que se apresenta como a soma do que vem de fora e experiências do outro e das ações do homem local que alimenta as histórias das suas raízes culturais.

Já ao descrever a família de Luvualu, o irmão de Inês, faz uma importante retrospectiva histórica do período pré-colonial, remontando os primeiros contatos dos colonizadores com os angolanos, além de mostrar o repúdio dos africanos aos portugueses e àqueles que assimilaram a cultura europeia, apontando que os problemas referentes a tal tribo estão para além das questões atreladas à cor da pele:

Estes kikongos são fundamentalistas! E arrogantes!... Têm a mania que são todos descendentes do Rei do Congo ... Aliás, até parece que se esquecem que o rei deles foi o primeiro a fazer um acordo com os portugueses e que, depois de se converter ao catolicismo, até de nome mudou!... Passou a chamar-se D. Afonso... Aliás, e por falar em nomes, tu sabes, mana Inês, que o nome do teu namorado, Luvualu, é a corruptela do nome português Álvaro?... Outra coisa: por que eles não vão para a tropa, como nós? Os tipos ou são candongueiros ou contrabandistas... Só sabem fazer isso, mais nada! Além disso, são muito traiçoeiros: batem-te nas costas de dia e, de noite, reúnem a tribo, em encontros onde só falam linganda... Já nem kikongo falam!... É melhor tirares da tua cabeça essa idéia de te casares com um kikongo... (MELO, 2008. p.125-126)

A passagem apresentada implicitamente retoma a história da tribo dos bakongos, também chamada por kikongos; tribo que viveu por muito tempo exilada no Zaire e no Congo, regressando ao país apenas após a independência de Angola. No entanto, essa tribo era tão diferente em sua cor, em sua língua e em seus hábitos que passou a ser desacreditada como angolana. O diálogo das personagens reflete ainda mais a aversão ao povo de Luvualu pela família da sua pretendente. O irmão de Inês pontua o não pertencimento dos kikongos a Angola: “- Eles não são nada kikongos, são lingadas! Como é que se dizem angolanos?!...” (MELO, 2008, p.128). O excerto acima ainda sugere que os bakongos julgam-se diferentes dos demais angolanos por serem descendentes do Rei do Congo e, por isso, são fechados em sua casta, a ponto de se casarem somente entre eles.

O conto também observa as marcas da organização étnica e territorial de um período anterior ao colonialismo europeu em África; marcas de uma época estigmatizada por diferenças étnicas e disputas territoriais. Nesse viés, a narrativa de Melo (2008) evidencia a necessidade que certas tribos em Angola tinham de colocar os seus costumes em destaque em detrimento dos de outros grupos que, para essas, possuíam um histórico de aliança com o colonizador. A fala do irmão de Inês externaliza tal reprovação ao afirmar que, “aliás, até parece que se esquecem que o rei deles foi o primeiro a fazer um acordo com os portugueses” (p. 125). O irmão de Inês declara o desprezo em relação aos povos que pelos colonizadores foram influenciados. A história e a cultura que Melo narra transfigura-se em uma crítica sociopolítica para com o olhar daqueles que não aceitam a diversidade como a verdadeira face do país africano. Sobre o tema, Jorge Assumpção (2008) pontua que:

De todas as formas tentaram os africanos resistir à investida colonialista: lutando de forma aberta, criando sociedades secretas, realizando pactos, ou ainda individualmente. Os povos negros não deram trégua aos conquistadores que aproveitando-se das rivalidades locais, faziam, muitas vezes, alianças com algumas etnias para subjugar determinadas regiões. (ASSUMPÇÃO, 2008, p.77)

O excerto acima demonstra uma África que ativamente luta contra a opressão; tal discurso vai ao encontro da posição do irmão da noiva, que ilustra uma ojeriza ao colonizador e às tribos em África que auxiliaram ou se renderam a ele. Um olhar superficial poderia erroneamente equiparar as etnias africanas e, mesmo angolanas, como representantes de uma só cultura, mas é necessário perceber que há um movimento para a sobrevivência das singularidades das diversas tribos presentes no continente, quer seja de uma perspectiva embativa quer seja conciliadora com a figura da metrópole. Em África, cada país é ímpar, e, por sua vez, os seus estados representam variados povos que possuem aspectos que os diferenciam uns dos outros. Destarte, Lima (1997, p. 248) adverte que:

Temos que convir que as culturas nacionais [e a angolana está nestas condições] se desenvolvem e se localizam em áreas geográficas bem delimitadas, comportando sub-áreas com expressões culturais que, embora tendo como pano de fundo um substrato comum, podem apresentar alguns aspectos paradigmáticos diferenciados. (1997, p. 248)

No entanto, tal separação não é uma característica atual e, sim, uma realidade africana que possui suas raízes fincadas em um passado anterior à chegada dos europeus à África. Angola até à época da colonização portuguesa não era dívida política e geograficamente por estados, mas por tribos demarcadas pelas diferenças étnicas. Com o início da guerra civil angolana as diferenças étnicas foram reforçadas com o intuito de acirrar o sentimento de disputa e, com isso, fazer com que cada etnia se alistasse e defendesse o partido com o qual estava relacionada. Essa diferença entre culturas acabou incentivando o preconceito e enfraquecendo o país enquanto nação, enquanto uma sociedade, o que facilitou o abuso de poder e a corrupção, uma vez que o povo não estava pensando em si como um grande grupo, mas via-se fragmentado.

Ademais, João Melo em “Shakespeare ataca de novo” (2008) representa as contradições que caracterizam a identidade tanto a individual quanto a coletiva a exemplo das distinções “sujeito” e “objeto” ou “eu” e o “outro”. A respeito da noção de identidade, Zila Bernd pontua que essa apresenta-se como “[...]um conceito que não pode afastar-se do de alteridade: a identidade que nega o outro permanece no mesmo. Excluir o outro leva à visão especular que é redutora: é impossível conceber o ser fora das relações que o ligam ao outro” (1992, p.15). Ao encontro de Bernd, Lima postula que “a cultura nacional de um povo [...] será baseada não só na imagem que este povo possui de si próprio, mas também nas imagens que os grupos de fora possam ter desse mesmo povo”. A identidade do ser-sujeito é dependente da imagem do ser-objeto, ou seja, o “eu” só é capaz de caracterizar-se a partir da comparação com o “outro” (1997, p. 248). Por sua vez, o contato com a alteridade acarreta na miscigenação identitária e o sujeito colonizado passa a ser considerado um ser com duas faces, a do “eu” e a do “outro”.

Fundamental se faz apontar que o desfecho do casal de Angola é bem diferente dos apaixonados de Verona, pois os protagonistas de Melo casaram-se e “foram muito felizes” (2008, p.131) em detrimento ao fim fúnebre de “Romeu e Julieta” de Shakespeare, no qual os apaixonados têm a morte como consequência da impossibilidade de sua união. Contudo, até completar o desfecho do enredo, o narrador por muitas vezes “brinca” com o leitor, pois ora dá a entender que o desenrolar da história será feliz – “tudo farei para tornar inopinado o relato” (MELO, 2008, p. 117), ora de que terá o mesmo destino trágico da narrativa arquitetada por Shakespeare – “mas todo mundo sabe, desde que Shakespeare contou o frustrado romance de Romeu e Julieta, que normalmente isso acaba em tragédia e em sangue” (MELO, 2008, p. 118).

O casamento de Inês e Luvualu, portanto, rompe com as expectativas iniciais lançadas pelos leitores diante do título, bem como da previsão do narrador: “esta estória trata de um amor socialmente condenado” (MELO, 2008, p. 118). Essa união também triunfa frente ao início turbulento desenhado pela narrativa, uma vez que as famílias não aceitavam tal união. Ao recuperar uma das histórias de amor mais famosas do mundo, Melo (2008) mostra que, mesmo existindo o preconceito que divide a sociedade pois, ao final da narrativa, os apaixonados modernos burlam as tradições e escolhem o seu próprio destino.

A partir do desenlace do romance, o narrador demonstra que a tradição perdeu seu valor. Isso se deve a uma nova geração de Angola que reconfigura as tradições a partir do contato com o outro dentro e fora de seu país. Assim, esse

casamento só é possível, por essas mudanças, como pode-se perceber no trecho a seguir:

Ambo os jovens, tinham adquirido alguns conhecimentos modernos, viajado (não só para o exterior, mas também dentro de Angola, o que é mais decisivo do que muitos incautos imaginam), conhecido outras pessoas e outras culturas e, portanto, não estavam para aturar idéias retrógradas” (a expressão é dele) dos seus familiares (2008, p. 131)

A atualidade expõe a ideia de que os jovens já não seguem os mesmos costumes de seus ancestrais, apontando para o fato de que a sociedade está em constante modificação e é este movimento que reconfigura, a cada dia, a identidade nacional.

A literatura de Melo (2008), desta forma, resgata a história do povo angolano, ao mesmo tempo em que busca preencher as lacunas da história oficial, contada pelo colonizador, frente à história não contada e àquela ainda em formação. Assim, as personagens do conto sugerem que a angolanidade deve ser percebida como construída a partir dos elementos concretos em que se manifesta não como um esforço de negação de uma realidade cultural imposta, mas como um esforço de afirmação de uma realidade cultural nova, que nasce do cruzamento de civilizações. A identidade nacional angolana é, pois, formada pelo substrato cultural angolano misturado aos elementos da cultura do dominador, que ao longo da colonização penetraram no inconsciente popular.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Pelo exposto, observou-se na presente análise do conto “Shakespeare ataca de novo” (2008), que o autor tenta dar conta do mosaico cultural angolano, mostrando que a identidade nacional do país está presente no seu caráter multicultural; uma característica ímpar em países que sofreram a influência estrangeira do colonialismo. No entanto, em Angola, o multiculturalismo ganha como aliada, o que o torna ainda mais peculiar, a grande diversidade étnica deste povo.

Os séculos de colonização acarretaram grandes mudanças culturais, étnicas, raciais, territoriais, linguísticas, religiosas e políticas dos povos africanos. O colonizador não respeitou a cultura nativa e passou a impor a sua cultura, europeia, como sinônimo de perfeição. Além disso, conforme os estudos de Teixeira (2002), essa figura impôs novas divisões geográficas que separaram tribos de mesma etnia ou misturaram tribos etnicamente opostas. Tais fatos, juntos, contribuíram, vertiginosamente, para a crise identitária angolana.

João Melo (2008) busca construir uma identidade multifacetada da sociedade local, enfatizando as diferenças raciais a partir de uma visão do interior e do exterior de Angola; as disparidades étnicas e tribais, que ainda impedem a convivência pacífica em uma mesma unidade social e igualitária. É o narrador de “Shakespeare ataca de novo” (2008) quem desmascara as mais diversas questões de cunhos socioculturais posicionando-se frente a elas.

Observa-se também como ponto crucial do fazer literário de Melo o uso do enredo como plano de fundo à crítica social. As histórias ficcionais são sempre

permeadas por intromissões de ordem crítica, na grande maioria, voltada à história cultural e social de Angola. “Shakespeare ataca de novo” possui várias camadas de significação, as quais são acessadas após uma leitura do contexto social em que o enredo se inscreve. Nessa perspectiva, João Melo mostra-se expoente de uma literatura africana de importante densidade artística, cultural, histórica e literária ao narrar as lutas e vitórias de seus povos.

Multiculturalism and identity: the construction of angolanity in *Filhos da Pátria* by João Melo

ABSTRACT

This article aims to analyze the characterization of Angolan national identity, through the expression of multiculturalism, specifically in the work *Filhos da Pátria* (2008), by João Melo. It is believed that this analysis is relevant since the book is an important example of literature engaged in the social context of Angola and Africa by demonstrating that there is in this process of identity affirmation a revaluation of national culture, a pre-colonial culture. . In Melo's work, the facets of Angolan society are portrayed, which is permeated by the colonial era, which is marked by the imposition of European culture, which directly influenced a crisis of national identity, as well as the arduous recognition of ethnic diversity, today recognized in Angola. It is understood that *Filhos da Pátria* (2008) shows readers the multiplicity of experiences of subjects who live in a territorial space marked by exploitation and poverty, but also by their struggles and victories. Thus, this study reflects on the short story "Shakespeare Ataca de Novo" (2008), which is understood to be representative of the theme of multiculturalism. Therefore, the analysis was based on the contributions of researchers such as Edward Said (1999), Mesquitela Lima (1997) and Rita Chaves (2005), showing that the aforementioned tale represents a look at the plurality, diversity and richness of the experiences of subjects who live in a territorial space marked by the struggle against European domination. In this sense, the narrative is understood as "liberation literature", so that it tells the other side of the story, which is far beyond the gaze of the white man.

KEYWORDS: Multiculturalism. Identity. Angolan literature.

REFERÊNCIAS

ASSUMPÇÃO, Jorge Euzébio. A Partilha da África e a Resistência Africana. In: BARROSO, Vera Lucia Maciel; SILVA, André Luiz Reis da (Orgs.). **Ciências e Letras – História da África: Do Continente À Diáspora**. Porto Alegre: FAPA, 2008.

BERND, Zilá. **Literatura e Identidade Nacional**. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

CHAVES, Rita. **Angola e Moçambique: Experiência Colonial e Territórios Literários**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.

DEALTRY, Giovanna Ferreira. Memória e Esquecimento Como Formas de Construção do Imaginário da Nação. In: MOITA LOPES, L.P; BASTOS, L. C. (Org.). **Identidades – Recostes Multi e Interdisciplinares**. São Paulo: Mercado de Letras, 2002. p. 189-200.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EdUFBA, 2008.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

LIMA, Mesquitela. A Cultura e as Culturas Angolanas. Angolanidade? (Possibilidades de uma nação angolana). In: CRISTOVÃO, Fernando; FERRAZ, Maria de Lourdes; CARVALHO, Alberto (Orgs.). **Nacionalismo e Regionalismo nas Literaturas Lusófonas**. Lisboa: Edições Cosmos, 1997.

MELO, João. **Filhos da pátria**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

RODRIGUES, Antonio Greco. “Multiculturalismo”. IN: MORAES, Dijon de (Org). **Cadernos de Estudos Avançados: multiculturalismo**. - 2. Ed. - Barbacena: EdUEMG, 2013. p. 43-54.

ROGEL, Samuel. **Novo Manual de Teoria Literária**. 5ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia da Letras, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

TEIXEIRA, Vanessa Relvas de Oliveira. Pelas Letras de Ruy Duarte e Arlindo Barbeitos e Pelas Telas de António Ole, o Desvendar da Face Angolana, 2002. Disponível em < <http://www.uea-angola.org/artigo.cfm?ID=669>>. Acesso em: 20 de junho, 2020.

Recebido: 16 set. 2020

Aprovado: 13 out. 2022

DOI: 10.3895/rl.v24n45.13179

Como citar: FARIAS, Ariane Ávila Neto de; PEREIRA, Ânderson Martins. Multiculturalismo e identidade: a construção da angolidade em *Filhos da Pátria*, de João Melo. *R. Letras*, Curitiba, v. 24, n. 45 p. 157-170, jul./dez. 2022. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

